

A ÉTICA FILOSÓFICA DO UBUNTU NA SALA DE AULA: UM DEBATE SOBRE O RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

CARLOS EDUARDO GOMES NASCIMENTO

Aluno de licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Participa do Programa de Iniciação à Docência (PIBID)

carlos_gomes02@hotmail.com

*Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?*

“O Navio Negreiro” de Castro Alves

RESUMO: O artigo apresenta a prática docente no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de licenciatura em Filosofia, sobre o tema: a ética do *ubuntu*, um princípio da filosofia africana. O texto é resultado da pesquisa e atividades com estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Duque de Caxias em Salvador na Bahia, objetivando o diálogo filosófico em sala de aula através da reflexão crítica e social acerca da existência dos casos de injúria racial no Brasil, em especial no futebol brasileiro. O texto também evidencia a importância do PIBID na construção de projetos na educação básica, que possibilitam a ressignificação do olhar do sujeito enquanto futuro docente de filosofia no ensino médio. Nossa hipótese é que a vivência da filosofia africana da ética do *ubuntu*, pode contribuir, a partir da experiência filosófica e didática, na luta contra o racismo.

Palavras-chave: Educação. Filosofia africana. PIBID. Racismo. *Ubuntu*.

1. INTRODUÇÃO

O país do futebol é racista? A aparente ideia de democracia racial existente no Brasil parece ser uma idealização criada a partir da imagem do futebol como esporte popular e democrático, que une ricos e pobres; brancos, negros, índios e mestiços, e que se propaga principalmente por conta da visibilidade mundial do talento dos jogadores brasileiros, em sua maioria descendentes de homens negros.

Na desoladora história do Brasil, a população de negros se encontrava subjugada à condição de escravizados até o dia 13 de maio de 1888, quando foi

sancionada, pela princesa Isabel, a Lei Imperial nº 3.353, a chamada “lei Áurea”, que *formalmente* declarava extinta a escravidão no Brasil. Porém, *efetivamente*, no decorrer dos séculos, o processo de segregação social e marginalização política e econômica continuou assolando homens, mulheres, crianças, jovens e velhos negros, conforme nos relata Darcy Ribeiro em seu livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*:

Em consequência, os ex-escravos abandonam as fazendas em que labutavam, ganham as estradas à procura de terrenos baldios em que pudessem acampar, para viverem livres como se estivessem nos quilombos, plantando milho e mandioca para comer. Caíram, então, em tal condição de miserabilidade que a população negra reduziu-se substancialmente (RIBEIRO, 1995, p. 228).

Após a abolição, os negros nunca foram tratados como iguais, a discriminação da população negra continuou deixando suas cicatrizes, sendo que uma delas passou a ser revelada, na atualidade, através da paixão nacional pelo futebol, que até então destilava a ideia de uma convivência pacífica e o respeito às diferenças. O lugar onde se acreditou que poderia haver o princípio da igualdade, indissociável da efetivação democrática, vem reverberando um problema que opera de forma velada numa sociedade de extrema desigualdade. Diante dos recentes casos de crime de injúria racial nos campos de futebol do Brasil, a harmonia racial apregoada pelo sociólogo Florestan Fernandes, no livro *A integração do negro na sociedade de classes*, de que no Brasil se vive uma ideia do “mito da democracia racial”, vem caindo por terra.

Diante desta realidade, a intervenção de nosso projeto “A ética filosófica do *ubuntu* na sala de aula: um debate sobre o racismo no futebol brasileiro” – do Programa de Iniciação à Docência e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PIBID/CAPES), no curso de licenciatura de filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – pretende mobilizar a comunidade escolar, principalmente os estudantes do ensino médio, mas também professores, gestores educacionais e responsáveis, para a reflexão sobre a formação étnica da cultura negra no Colégio Duque de Caxias.

O Colégio em questão está localizado no bairro periférico e histórico da Liberdade, onde ocorreram várias batalhas pela Independência da Bahia, em 1823.

Este bairro faz parte da região da periferia de Salvador. Apesar de ser berço de diversos movimentos por ações afirmativas e políticas públicas de reparação para a população de matriz africana, o bairro ainda carece de infraestrutura básica e medidas assistências nas áreas de saúde e educação.

Com a finalidade de provocar nos alunos do Colégio Estadual Duque de Caxias uma reflexão ética a respeito de valores universais da relação entre homens, mulheres e o mundo, por meio da mudança do olhar filosófico europeu para a prática filosófica e espiritual proposta pela vivência ética do *ubuntu* - princípio fundamental e essencial da filosofia africana - procuramos fomentar o debate acerca do racismo que, de maneira geral, está interligado à condição social e política na construção histórica dos sujeitos.

Refletir sobre as formas de combate ao racismo, ainda entranhado na vida cotidiana da sociedade brasileira, com os estudantes do Colégio Estadual Duque de Caxias, em sua maioria afrodescendentes, possibilita construir um olhar singular e uma perspectiva de resistência contra a subjugação do sujeito aos discursos reificados. Com isso, nossa atividade identificou os diversos modos de propagação dos discursos racistas na sociedade brasileira e sua veiculação em vários meios de comunicação, como também no futebol, objeto específico deste estudo.

Nosso projeto procurou resgatar o espírito do conceito ético do *ubuntu* praticado por Nelson Mandela - que se tornou presidente da África do Sul em 1994 - e Desmond Tutu, principal líder espiritual sul-africano, na resistência contra o feroz racismo praticado pelas instituições e na busca de reconciliação na África do Sul. Estes líderes experimentaram na carne a violência do regime racista e segregacionista do *apartheid*, que suprimiu, pela violência física, os direitos e princípios da dignidade dos homens e mulheres negros em favor de uma pequena elite branca, durante todo o século XX.

O projeto é composto de dois momentos: No primeiro momento, procuramos, junto aos estudantes, explicitar o significado histórico e humano da prática ética do *ubuntu* da filosofia africana. No segundo momento, preocupados com a formação estrutural do aluno, desenvolvemos alguns recursos estratégicos na sala de aula: propomos a realização do debates envolvendo os estudantes da turma de ensino médio, sob orientação do professor supervisor, e com a participação do coletivo de bolsistas do PIBID de filosofia do Colégio Estadual Duque de Caxias, acerca das problemáticas centrais, explorando algumas questões com a turma: Existe o racismo no

Brasil? Existe o racismo no futebol brasileiro? Por que o racismo se contrapõe aos princípios éticos? Através da ideia do conceito ético do *ubuntu* é possível mudar esta realidade no Brasil?

Depois do debate, cada estudante elaborou individualmente um texto dissertativo-argumentativo, apresentando seu ponto de vista sobre o tema, tendo em vista o combate ao racismo, onde deveriam ser observadas, de modo fundamentado, os elementos desenvolvidos durante as etapas anteriores da mudança do olhar do sujeito ético, tomando por princípio ético a prática do conceito do *ubuntu* da filosofia africana. Diante dos casos de injúria racial no futebol brasileiro, destacamos o dever de todo cidadão em denunciar este crime às instituições legais competentes.

2. A AÇÃO PARA O PROJETO: ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONCEITO FILOSÓFICO

No processo de ensino de filosofia, cabe ao professor observar se o estudante aprendeu a lidar com o conceito filosófico, e se ele será capaz de organizar e expor sua opinião fundamentada nas leituras colhidas no decorrer do processo, isto é, se a aprendizagem sobre o conteúdo filosófico está de fato expressa nos argumentos desenvolvidos pelo estudante.

Para que o jovem possa escrever um texto crítico, a partir de um contexto filosófico, e para que se expresse por meio de argumentos que põem em suspenso o senso comum, tornando-se um sujeito consciente e aberto ao conhecimento em sua liberdade de pensar e se expressar coletivamente, o projeto promove a construção de gêneros textuais dissertativos tendo como foco o tema “A prática ética do *ubuntu* como forma de resistência e combate ao racismo no Brasil”, em especial, no futebol brasileiro. Com isso, o projeto pretende provocar um impacto favorável no fomento do aprendizado de filosofia no ensino médio e despertar para o exercício filosófico, saindo do senso comum, para uma consciência crítica, que é exigida tanto na formação educacional quanto cidadã.

Os recursos estratégicos para a ação do projeto consistem na leitura de trechos de textos críticos de natureza filosófica, sociológica, jornalística e também jurídica, que serão a base para a comunicação oral, através de um debate mediado pelos bolsistas, que vivenciam a experiência da licenciatura em filosofia – supervisionados pelo professor – que podem fomentar a interpretação dos textos,

verbais e imagéticos, no desenvolvimento do espírito crítico e argumentativo dos estudantes.

A aplicação do projeto deve estar em conformidade com o conteúdo programático organizado pelo professor supervisor do Colégio Estadual Duque de Caxias, visto que o projeto em desenvolvimento envolve uma ação coletiva entre bolsistas do PIBID de Filosofia e a comunidade do Colégio, na dinâmica transdisciplinar entre o conteúdo de filosofia e outras disciplinas, como artes, literatura, história e sociologia, com a finalidade de compartilhar o conhecimento e contribuir para o ensino e aprendizagem em filosofia na comunidade escolar.

O planejamento escolar deve fazer parte deste processo de humanização, na reflexão e análise deste conteúdo que atravessa todo um campo de acesso ao conhecimento, na construção histórica da realidade social brasileira. A análise do contexto da prática social e educativa não deve se limitar a área das ciências pedagógicas, mas todos os conteúdos explorados no ensino médio, de maneira transdisciplinar, ou seja, as ideias desenvolvidas atravessam, como um fio condutor, todo processo de aprendizagem.

As novas dimensões e o impacto das questões em exposição para os estudantes de ensino médio, sobre o tema do racismo no futebol, surgem para que o planejamento escolar possa formular novas diretrizes, tanto no seu campo teórico e metodológico quanto prático, no uso de suas atribuições e competências frente às diversas situações cotidianamente encontradas na realidade brasileira.

3. A ÉTICA FILOSÓFICA DO *UBUNTU* NA SALA DE AULA

O *ubuntu* é o espírito ou princípio filosófico fundamental da vida do povo africano, sendo um conceito que compõe o reconhecimento do ser humano consigo mesmo e com os outros, por uma indelével experiência entre os homens, mulheres e o mundo em uma harmonia universal.

Na construção conceitual dos princípios da ética ocidental, que estão na origem das cidades-estados, *pólis*, na Grécia Clássica (V a. C.), tiveram como fonte marcante o aparecimento do pensamento filosófico, em especial, a filosofia de Sócrates, que é considerado o pai da filosofia ética no ocidente. Nesta esteira, podemos encontrar certa similaridade e características em comum com o espírito do

ubuntu, isto é, na expressão filosófica do cuidado de si e cuidado dos outros, quando Sócrates chama atenção dos cidadãos de Atenas:

Tu ateniense, cidadão da maior cidade e mais célebre por sabedoria e poder, não te envergonhes de pensar em acumular o máximo de riquezas, fama e honras, sem te preocupar em cuidar da inteligência, da verdade e da tua alma, para que se tornem tão boas quanto possível? (PLATÃO, 2000, p. 88).

Do mesmo modo, a filosofia grega em sua origem possuía na sua prática ética uma preocupação com o princípio universal do cuidado com a alma (*psykhé*), a saber, a alma como um princípio da natureza ou espiritual, vital para a convivência entre os homens, que deve ser continuamente cuidado, a fim de cultivar a paz e o diálogo na formação política da comunidade humana.

O pesquisador moçambicano José P. Castiano, no livro *Referenciais da Filosofia Africana*, traz uma leitura da expressão de vida e da prática ética do *ubuntu* com as concepções conceituais da filosofia ocidental:

Ubu-ntu é a categoria epistemológica e ontológica fundamental no pensamento dos povos *Bantu*, expressando o *ubu* uma compreensão generalizada da realidade ontológica do Ser enquanto Ser, e o *ntu* assumindo formas e modos concretos de existência num processo contínuo (CASTIANO, 2010, p. 156).

O princípio filosófico e ético do *ubuntu* ganha um caráter de modo de vida para os sujeitos que buscam a liberdade como uma condição ontológica indissociável da prática dos valores humanos éticos. Este espírito livre e de resistência foi descrito no manifesto do movimento da juventude do *The African National Congress (ANC)*, Congresso Nacional Africano (CNA), que contou com a participação de Nelson Mandela, em 1944. Onde está descrito em um dos seus princípios, o pensamento ético do *ubuntu*: “O africano quer o universo como um todo orgânico que tende à harmonia e no qual as partes individuais existem somente como aspectos da unidade universal”.

A prática ética do *ubuntu* representou a experiência da tradição filosófica do homem negro contra a violência, na reconciliação política e na constituição de sujeitos. Agruras e sofrimento do povo negro não significou o esquecimento, mas um fator de resistência por uma luta na resignificação dos sujeitos. Por esta razão, o princípio da

prática ética do *ubuntu*, como revela Mandela em entrevista, “eu só posso ser eu através de você e com você”, pode nos parecer estranho, mas sinaliza um caminho de criação de uma ideia ou princípio que poderá unir a sociedade brasileira plural.

Neste contexto, mesmo com a existência de uma cultura de mercado para o consumo, que prega o sujeito individualista e que acaba sendo a tônica dominante criada pelas instituições estaduais e financeiras, a busca por um pensamento da prática ética da filosofia africana do *ubuntu* na construção da realidade social brasileira, assim como em muitos países em desenvolvimento, pode vir a ser uma perspectiva de ressignificação para o sujeito que não conhece sua história. Isto é, para que o brasileiro, em especial, o afrodescendente, possa encontrar novos caminhos para compreender sua própria história, visto que muitos homens, mulheres e crianças do grupo etnolinguístico “Banto” (*ba-ntu*, significa “homens”) da África Subsaariana, foram trazidos e escravizados aqui no Brasil, mesmo assim, resistiram e reproduziram sua visão de mundo dentro da formação histórica e sociocultural brasileira. Assim, o projeto aqui explorado, visa, em certa medida, resgatar o pensamento presente da formação cultural brasileira.

Com efeito, a prática do racismo, testemunhada em atos ocorridos no Brasil, em especial, no futebol brasileiro, configura o crime de injúria racial, que está previsto no Art. 140. §3º do Código Penal Brasileiro: “Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. Pena de reclusão de um a três anos e multa”.

Porém, o que devemos combater e trazer ao espírito de reflexão filosófica dos jovens estudantes é que, aqueles que cometem esse tipo de crime, ofendem o princípio da dignidade da pessoa humana através do preconceito e da discriminação, seja por raça, gênero, sexo, condição social ou psicofísica. Nesse sentido, acabam tendo uma condenação ética diante de si mesmo e jurídica perante toda a sociedade, que não pode aceitar mais este tipo de ato hediondo.

4. POR UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO OLHAR DO DOCENTE DE FILOSOFIA

O pensamento africano por um longo tempo foi negligenciado e marginalizado nas salas de aula do Brasil, resultado de uma tentativa de apagar o seu

passado escravocrata no qual, mesmo nos dias atuais, a questão do abismo socioeconômico entre brancos e negros não foi dirimida. Basta reconhecer o alto índice de desemprego e morte dos jovens negros no Brasil, o que evidencia um retrato trágico da forma como o sistema de repressão do Estado age pelo braço armado das suas polícias.

A Lei nº 10.639/2003, que estabeleceu a inclusão da temática da história e cultura afro-brasileira no ensino básico, ainda é fonte de estranheza em boa parte da sociedade brasileira. A Lei regulamentou um outro olhar do sujeito na formação de estudantes e professores no ensino básico, que necessitam refletir sobre a história das ideias no Brasil, através do entendimento genealógico da nossa constituição histórica enquanto sujeitos.

Com efeito, os africanos e seus descendentes não tinham voz nem vez, pois eram o objeto da história dos outros. Os fenômenos históricos no período da modernidade, de repressão ao sujeito, o colonialismo dos séculos XVI ao XVIII e neocolonialismo do século XIX e XX, foi descrito por Michel Foucault em seu curso no *Collège de France* como um processo de subjetivação.

Nunca se deve esquecer que a colonização, com suas técnicas e suas armas políticas e jurídicas, transportou, claro, modelos europeus para outros continentes [...]. Houve toda uma série de modelos coloniais que foram trazidos para o Ocidente e que fez com que o Ocidente pudesse praticar também em si mesmo algo como uma colonização, um colonialismo interno (FOUCAULT, 2010, p. 86).

O regime segregacionista e racista do *apartheid* na África do Sul tinha o respaldo da prática discursiva da modernidade do sistema colonialista, trazido pela pretensa lógica universal da ciência e seus discursos de poder sobre a subjetividade, fundadas na inferioridade dos colonizados e escravizados. Esse discurso foi difundido pelo pensamento iluminista de Voltaire em suas *Cartas filosóficas*, que foram enviadas para o cientista natural Lineu, sobre os sujeitos africanos escravizados pelo domínio europeu:

A raça negra é uma espécie humana tão diferente da nossa quanto a raça de cachorros *spaniel* e dos galgos, pode se dizer que a sua compreensão, mesmo que não seja de natureza diferente da nossa, é pelo menos muito inferior (VOLTARE, 2008, p. 54).

Deste modo, a razão dos colonizadores infligiu ao continente africano não apenas a exploração dos recursos naturais (pelas potências econômicas europeias e norte-americana), mas também o sacrifício da carne e da subjugação da alma do povo escravizado, segundo a cor da pele, nos quatro cantos do mundo onde sua cultura e suas manifestações religiosas foram negadas e suprimidas por fontes normativas das instituições do Estado.

Do mesmo modo, no Brasil, após a abolição da escravatura, a criminalização da prática da capoeira foi prescrita no Código Penal de 1890: “Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem. Pena - de prisão por dois a seis meses”. Isso demonstra a tentativa de dominar o corpo e o espírito dos afrodescendentes para, assim, qualificá-los como vadios e torná-los homens dóceis para o Estado.

Deve-se então questionar: será que a reflexão da prática dos princípios éticos na modernidade, por meio da relação entre a ideia de sujeito e a busca da autonomia e da liberdade contra a sujeição histórico-cultural - que é difundida aos jovens do ensino médio nos colégios públicos no Brasil - é suficiente quando se baseia unicamente no pensamento filosófico europeu?

O debate nas aulas de filosofia, geralmente guiados pelos livros didáticos, contempla, por vezes, somente perspectivas de se pensar e agir nesta relação ética entre o sujeito e a liberdade segundo o pensamento europeu. No entanto, em particular os professores de filosofia, que estão na linha de frente da educação brasileira, podem propor aos seus alunos outras experiências para a construção de um sujeito ético. Não devem se contentar apenas com a exposição das experiências vindas do continente europeu, mas também com outro olhar sobre a constituição do sujeito, tais como a da filosofia africana.

Com efeito, trazer outro olhar para o sujeito por meio do pensamento africano poderá ampliar as perspectivas sobre a ética, a partir de diferentes maneiras de lidar com o conhecimento e de como o sujeito livre vem a se relacionar com todo o mundo humano e natural. Nesta esteira, ressalta no artigo “Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira”, o professor e educador Eduardo David de Oliveira:

Os temas da Ética, da Política e da Epistemologia são privilegiados e abordados de acordo com uma perspectiva geopolítica e geocultural que resultarão, em síntese, na perspectiva da Ancestralidade. Em solo brasileiro, a Filosofia da Ancestralidade reivindica para seu fazer filosófico a tradição dinâmica dos povos africanos – especialmente a tríade: *nagô, jêje e banto* –, como *leitmotiv* do filosofar (OLIVEIRA, 2012, p. 30).

Não será o momento do educador brasileiro e professor de filosofia, que carrega também em seus genes o DNA oriundo do continente africano, abrir os olhos para a sua convivência no cotidiano com a cultura de matriz africana, para assim emergir novos referenciais de subjetividade? Trata-se de despertar os indivíduos, na relação ensino-aprendizagem, para um “filosofar transdisciplinar que não é regido pela mecânica do conhecimento sedimentado e instituído, pois se guia pelo indeterminado e pela abertura radical para a atividade de investigação permanente” (GALLEFI, 2013, p. 5).

Contudo, os professores e educadores devem estar sempre atentos as novas experiências na educação, por uma tomada autônoma de consciência e ação livre para os sujeitos em formação cultural, isto é, a partir da atitude e da transformação do pensamento em uma sociedade tão diversa como é a brasileira, almejando outro horizonte, mais plural, para as formas de pensar o amor ao saber, a filosofia, nas relações humanas.

5. CONCLUSÃO

Nesta esteira, os bolsistas do PIBID que, em sua maioria, serão os futuros professores e educadores nas escolas da rede pública de ensino, devem desde já ter a capacidade de identificar a problemática e explorar soluções para as experiências do cotidiano, para que a ação de ensinar e aprender tenha uma grande força na tarefa humana e histórica na nova construção da realidade social brasileira e na afirmação do anseio por liberdade, por justiça e de luta para todos os cidadãos brasileiros.

O critério de ação ética, que vincula professores e estudantes, carece de amplitude temática e de ideias nas salas de aula do Brasil, por isso, é preciso estimular um diálogo fecundo e criativo com outras matrizes de pensamento. Deste modo, trazer para sala de aula o princípio ético do *ubuntu*, como uma experiência do pensamento e da vida humana que está imanente na filosofia africana, pode vir a se tornar uma fonte

de encantamento para o processo do ensino e aprendizagem entre o licenciando em filosofia e os jovens estudantes brasileiros.

Com efeito, a construção da liberdade intelectual e cultural para os educadores no Brasil deve passar por um esforço de transformação dos referenciais de subjetivação, para que o brasileiro, agora dono da descoberta de sua própria história, possa se revelar enquanto sujeito transformador do processo educacional no Brasil. Portanto, a lição do princípio ético do *ubuntu* no presente projeto para o PIBID de Filosofia no Colégio Estadual Duque de Caxias, quer alcançar a esperança aos jovens estudantes na construção de uma nova experiência filosófica para a sociedade brasileira sem qualquer discriminação.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. *Espumas flutuantes e Os escravos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTIANO, José P. *Referenciais da Filosofia Africana: em busca da inter-subjetivação*. Moçambique: Publicada pela Universidade de Desenvolvimento da Educação Básica na Província de Gaza. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/108807202/Jose-P-Castiano-Referenciais-da-Filosofia-Africana-Em-busca-da-intersubjetivacao> Acesso em: 13 de setembro de 2014.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GALEFFI, D. *Por que ensinar Filosofia hoje?* Texto apresentado em: II Simpósio Estadual sobre o Ensino de Filosofia da UERN: Mossoró, 2013.

OLIVEIRA, E. D. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 18, maio-out./2012, p. 28-47.

PLATÃO. *Apologia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. [Coleção Pensadores].

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.